

O Telejornalismo e a Cultura do Amadorismo¹

Juliny Guimarães Sá BARRETO²
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

Ao longo dos anos, o telejornalismo se adaptou às inovações tecnológicas e o conteúdo "amador" ganhou relevância, especialmente no período da pandemia da COVID-19, valorizando a notícia em detrimento da técnica. A presente pesquisa revisa a literatura e analisa casos para compreender as implicações do "amadorismo" no telejornalismo contemporâneo, com o objetivo de refletir sobre o papel do jornalista na era digital e propor novos caminhos para este campo de estudo em constante transformação. **PALAVRAS-CHAVE:** telejornalismo; cultura do amadorismo; jornalismo colaborativo; inteligência coletiva; cibercultura.

INTRODUÇÃO

Na linha cronológica da história, as tecnologias influenciaram diretamente a reconfiguração das comunicações, a começar pela criação do telégrafo, precursor do jornalismo móvel, que foi um dos principais marcos da inserção dos dispositivos móveis no jornalismo. A chegada dos computadores às redações impôs, mais uma vez, uma transformação às práticas cotidianas do telejornalismo.

Com a revolução da segunda geração da internet, também chamada de web 2.0, mudanças ainda mais profundas surgiram, possibilitando ao telejornalismo desprender-se das limitações do *desktop*, revelando novos padrões e possibilidades que impactaram diretamente a relação das narrativas telejornalísticas e a participação da audiência, com a popularização de diferentes dispositivos móveis como notebooks, laptops, palmtops e celulares, bem como o advento da internet no início dos anos 2000.

Pereira e Moraes (2003) pontuam que a disseminação destes aparelhos móveis estabeleceram novas rotinas produtivas nas redações jornalísticas. Além disso, houve uma redefinição do status profissional do jornalista, que passou a incorporar novas funções e habilidades, como as de repórter fotográfico, rádio-repórter e repórter cinematográfico, transformações incorporadas gradativamente às rotinas de produção e difusão da informação.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT-13 (Telejornalismo), evento integrante da programação do 21º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2024.

² Mestranda do PPJ - Programa de Pós Graduação em Jornalismo da UFPB, e-mail: jullybarretojp.br@gmail.com

Nas coberturas ao vivo, tornou-se possível ir além das limitações físicas do estúdio e um importante marco aconteceu em julho de 2007, com a cobertura da tragédia envolvendo uma aeronave da antiga companhia TAM Linhas Aéreas, atualmente Latam. O Airbus A320 derrapou na pista do aeroporto de Congonhas, em São Paulo e colidiu com um prédio depósito, também da empresa TAM, causando a morte de 199 pessoas, incluindo 12 em solo.

Diante de tamanha tragédia toda a imprensa se mobilizou para cobrir o evento, e com o auxílio de dispositivos móveis e conexões de internet, os jornalistas conseguiram fornecer às redações e portais de notícias informações atualizadas em tempo real, direto do local do acidente, e mais, nas três noites subsequentes ao trágico acidente, o Jornal Nacional, da Rede Globo, foi apresentado por William Bonner in loco, direto de um edifício próximo ao aeroporto, tendo como plano de fundo, o cenário da tragédia, algo inédito e inovador à época.

Quanto a esta participação da audiência, Monteiro (2015, p. 48) defende que essa interação público-telejornal já era preexistente por outros meios, como fax, telefone e carta, mas é inegável que a internet intensificou significativamente essa capacidade de cooperação em rede. Inicialmente, com a implementação da internet discada e, mais recentemente, com o advento da internet móvel 5G, somada à popularização de dispositivos móveis, novas formas de fazer jornalismo emergiram, como o jornalismo colaborativo, cidadão ou participativo. Nessa prática, a audiência assume um papel ainda mais ativo nas produções telejornalísticas, inclusive incentivada pelos próprios veículos como forma de estreitar laços com o público.

Quem antes apenas consumia passivamente o telejornal, passou a ter um papel de agente participativo, por meio da produção e envio de captações e imagens "amadoras" - aqui entendidas como todo conteúdo audiovisual produzido por indivíduos não profissionais da área de jornalismo - esses registros integraram-se ao conteúdo jornalístico, complementando as narrativas com perspectivas distintas e, em alguns casos, até mais abrangentes dos acontecimentos, visto que seria humanamente impossível para uma equipe de TV estar em todos os lugares no exato momento em que os fatos acontecem.

Com isso, a utilização de imagens captadas por dispositivos móveis e enviadas pela audiência, bem como o uso de imagens de circuitos de segurança, tornou-se habitual nas produções telejornalísticas. Ainda que tais captações, muitas vezes, fujam do rigor técnico próprio do jornalismo televisivo, como definiu Wolf (2003) elas se tornaram

significativas por seu valor-notícia em relação ao critério de relevância para a noticiabilidade, e em muitos casos, são os únicos registro dos acontecimentos.

A relevância desta participação é tanta que em 2017, o âncora e editor-chefe do Jornal Nacional da Rede Globo, William Bonner, surpreendeu aos telespectadores ao quebrar o protocolo do telejornal, pausar as notícias para de maneira didática apresentar aos telespectadores uma espécie de tutorial de como gravar vídeos no celular, explicando que imagens gravadas na horizontal poderiam ser melhor exploradas na televisão e demonstrando ao segurar um aparelho celular, com a hashtag *#ficaadica* no GC do telejornal.

Fenômeno que Weissberg (2003) explica ao argumentar que as novas tecnologias de informação e comunicação permitiram a circulação do conhecimento sem depender de capital ou trabalho. O autor defende que esses conhecimentos são criados e disseminados de forma heterogênea, através de trajetórias moldadas por aportes criativos cumulativos, cooperativos e amplamente socializados nos contextos de produção e uso. Isso significa que a produção de conhecimento é feita por conhecimentos, o que segundo Weissberg representa uma mudança de um regime de reprodução para um regime de inovação. Levy (2003) corrobora com essa visão otimista ao afirmar que a formação de comunidades, nas quais todos podem gerar e compartilhar informações e conhecimentos, gera uma “inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em mobilização efetiva das competências”

Ao comparar os pensamentos de Weissberg (2003) ao de Levy (2003), é possível perceber que a cultura colaborativa é fortemente influenciada pela cultura do ciberespaço, que proporciona um espaço de encontros, cooperação e interação entre indivíduos e máquinas. Ao debruçarem-se sobre a segunda fase da internet, autores como Jeremy Rifkin (2000) e Chris Anderson (2015) destacam a democratização que este momento propôs. Rifkin definiu este momento como a "Era do Acesso" e Anderson (2015) observa que a sociedade está passando por uma mudança significativa, onde as pessoas estão deixando de ser meros consumidores passivos para se tornarem produtores ativos.

Essa mudança se manifesta em diversos âmbitos, como o crescimento dos blogs amadores que disputam a atenção do público com a grande mídia, o lançamento de músicas por bandas independentes sem o apoio de gravadoras e a relevância das avaliações online de produtos e serviços feitas por outros consumidores. O autor argumenta que essa mudança representa uma transformação na configuração básica da produção, passando de um modelo em que era preciso "conquistar o direito de fazer"

para outro em que a pergunta principal é "o que o está impedindo de fazer?".

Em 'O Culto do Amador: como blogs, Myspac, Youtube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores', Andrew Keen faz uma crítica a celebração do amadorismo fomentada pela internet e chama atenção para o embate divergente entre a produção de conteúdo amador e do conteúdo profissional, a divulgação de fatos versus a publicação de opiniões e a paridade de especialistas e meros leigos entusiastas.

Para Keen (2009), o advento da era digital, impulsionado pela democratização da informação na web 2.0, representou um marco na história da humanidade. Porém, esse cenário também gerou desafios, como a proliferação de "fake news" ou informações falsas. O autor argumenta que essa propagação da desinformação na era digital fragmenta a cultura e causa confusão na sociedade, pois dificulta a distinção entre conteúdos sérios e confiáveis e aqueles que não são.

Keen (2009) destaca ainda que, antes da era digital, a história intelectual era construída por meio de fontes confiáveis como livros, jornais e materiais de referência. No entanto, com a digitalização e o acesso universal à informação, a mídia de registro se tornou mais vulnerável à desinformação, possibilitando que qualquer pessoa, bem intencionada ou não, possa publicar em blogs, canais no YouTube e outros sites, conectando-se a uma rede infinita, tornando difícil deter a difusão de informações falsas ou equivocadas, bem como identificar suas origens. Para o autor, essa desinformação pode ser herdada e repetida por futuros leitores, criando uma memória coletiva distorcida.

Já o filósofo Pierre Lévy (2003), defende que embora seja necessário um senso crítico, a valorização do conhecimento de cada indivíduo é uma possibilidade de crescimento mútuo, onde os indivíduos podem através de uma interação democrática, fomentada pelo ambiente virtual, possibilitar uma importante troca de informações e conhecimento através do ambiente digital facilitando a divulgação em larga escala e o debate de ideias, movimento que Lévy definiu como 'Inteligência Coletiva'.

Para o autor, a Inteligência Coletiva é um sistema distribuído e valorizado de conhecimento, coordenado em tempo real, que resulta na mobilização eficaz das competências. Com o objetivo de alcançar o reconhecimento e o enriquecimento recíproco entre as pessoas, e não a veneração de comunidades artificiais e idealizadas. Em março de 2020, com o anúncio da pandemia mundial da Covid-19, protocolos sanitários de segurança e saúde foram divulgados e uma das principais recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) era o distanciamento social, atingindo drasticamente as relações humanas e os costumes em sociedade. Estar na rua, enquanto

a palavra de ordem era ficar em casa, transformou o ofício do jornalista ainda mais desafiador. Estar em contato com outras pessoas, e no caso dos repórteres ainda mais, por visitarem diferentes lugares durante o dia, impôs aos profissionais de telejornalismo uma ressignificação do que antes era uma rotina cotidiana, em uma missão diária, com protocolos e cuidados literalmente vitais, devido à alta exposição aos riscos de contaminação.

Coube ao telejornalismo se adaptar em sua produção diária, desde medidas simples como o uso de máscaras pelos repórteres à utilização de ferramentas digitais como vídeochamadas, para suprir a ausência de entrevistados no estúdio, entre outras mudanças que visavam minimizar a exposição dos profissionais ao risco de contaminação.

Tais sucessivas mudanças no cenário da comunicação digital contemporânea impuseram aos profissionais do telejornalismo a necessidade de constante adaptação a novas práticas e ferramentas, redefinindo a estética telejornalística, intensificando e acelerando um processo gradual que já vinha ocorrendo. A pandemia da COVID-19 representou um marco histórico nesse processo, ao equiparar a relevância do conteúdo amador às produções técnicas e profissionais tradicionalmente defendidas pelo telejornalismo.

Diante desse novo panorama, surgem questionamentos relevantes para o campo do jornalismo, tais como os benefícios e desafios deste jornalismo colaborativo no contexto da comunicação digital contemporânea e o impacto e as consequências da cultura do amadorismo nos processos de produção e edição de telejornais e na identidade profissional dos jornalistas. Questões que buscaremos analisar, refletir e apontar caminhos para a prática profissional e para o futuro da comunicação.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Chris. **A cauda longa**. Do mercado de massa para o mercado de nicho + Free: grátis: o futuro dos preços. Tradução Cristina Yamagami, Afonso Celso da Cunha Serra. 1 ed, Rio de Janeiro: Elsevier: B2B, 2015.

KEEN, Andrew. **O Culto Do Amador**. Como Blogs, Myspace, Youtube E A Pirataria Digital Estão Destruindo Nossa Economia, Cultura E Valores. Editora Zahar. 2009

LEVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva**: Por uma antropologia do do ciberespaço. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

MONTEIRO, Gilson. Ecosistemas Comunicacionais: os dispositivos móveis como extensão do corpo humano. In: CANAVILHAS, João; SATUF, Ivan. **Jornalismo para dispositivos móveis: produção, distribuição e consumo**. Editora Livros LabCom, 2015, p.43-61

PEREIRA, F.H.; MORAES, F.M. **Mas, afinal, Internet é mídia?**. Anais do 26. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belo Horizonte-MG, setembro de 2003. São Paulo: Intercom, 2003 .Disponível em:
<https://www.academia.edu/1240124/Mas_afinal_internet_%C3%A9_M%C3%ADdia>Acesso em: 10 fev.2024.

RIFKIN, J. **A Era do Acesso**: A transição de mercados convencionais para networks e o nascimento de uma nova economia. Tradução: Maria Lucia Rosa, São Paulo: Makron, 2001.

WEISSBERG, Jean-Louis. **Entre produção e recepção: hipermediação, uma mutação dos saberes simbólicos**. In: COCCO, Giuseppe et al. Capitalismo Cognitivo. Rio de Janeiro: DP&A, 2003

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.